

# Um acampamento de sonho...

Conto para sensibilizar



Este código QR inclui uma versão em formato áudio.

## FICHA TÉCNICA



Ficheiro otimizado para Adobe Reader 9.1 ou superior.

**Título:** *Um acampamento de sonho...*

**Conto para sensibilizar**

**Organização:** Secretaria Regional de Educação - Direção Regional de Educação - Divisão de Apoio Técnico

**Coordenação e Revisão:** Sandro Nóbrega

**Autores:**

Alunos da turma do 8.º C da Escola Básica dos 1.º, 2.º e 3.º Ciclos com Pré-Escolar Professor Francisco M. S. Barreto

Alunos da turma do 9.º B da Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos da Torre

Alunos da turma do 9.º 2 da Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto Silva

Alunos das turmas dos 5.º 1; 5.º 2; 5.º 3 e 6.º 1 da Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos do Caniçal

Alunos da turma do 9.º A da Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol

Alunos da turma do 7.º A da Escola Básica e Secundária do Porto Moniz

Alunos da turma do 9.º C da Escola Básica e Secundária Professor Dr. Francisco de Freitas Branco

Alunos das turmas dos 7.º D; 8.º B; 8.º C; 9.º A; 9.º B e 9.º C da Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos Cónego João J. G. Andrade

Alunos da turma do 7.º 1 da Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos Dr. Alfredo F. Nóbrega Júnior

Alunos das turmas dos 7.º 1; 8.º 2; 9.º 1; 9.º 2 e 9.º 3 da Escola Básica e Secundária Bispo D. M. F. Cabral

Alunos da turma do 8.º C da Escola Básica e Secundária D. Lucinda Andrade

**Ilustrações:** Luísa Spínola

**Design Gráfico:** Filipa Aveiro

**Produção das versões em formatos acessíveis:** Divisão de Acessibilidade e Ajudas Técnicas



**Edição:** Editora Madeirense

Contactos Editora

Funchal – Madeira

Tel. (351)96 5347219

Email: [editora.madeirense@gmail.com](mailto:editora.madeirense@gmail.com)

 Editora Madeirense

**Local de Edição:** Funchal-Madeira

**Impressão:** Impresso nos Estados Unidos da América pela CreateSpace, uma empresa da Amazon.com

**ISBN** 978 -1979979894

**N.º do Depósito legal** 434661/17

©**Todos os direitos reservados**

# Prefácio



Ficheiro otimizado para Adobe Reader 9.1 ou superior.

É pelo sonho que vamos...

Fazer o que ainda não foi feito.

Este bem podia ser o começo desta história aqui contada,

onde o sonho se mistura verdadeiramente com a realidade

para transformá-la,

para apontar-lhe caminhos de aperfeiçoamento,

para abri-la a outros horizontes,

para ser espaço e tempo de Felicidade.

É isto que, neste conto, este grupo de alunos vão experimentar

neste “acampamento”, entrar noutra “dimensão” que, apontando para o futuro,

dá força, coragem e motiva a mudar e transformar o presente.

É isto mesmo que as atividades e as iniciativas da Semana Regional da Pessoa com Necessidades Especiais (SRPNE) pretendem:

transformar o presente,

alterar comportamentos,

sensibilizar para as diferenças,

promover o respeito pela dignidade de cada pessoa.

Esta Semana é um dos “acampamentos” que ajuda a comunidade

a afastar-se das rotinas diárias despersonalizantes e a focar-se no essencial:

aceitar, respeitar e incluir todos.

Todos, enquanto sociedade, temos de ser capazes de encontrar aqui e agora (e em cada momento) a única resposta humana possível, a resposta inclusiva.

O presente tem que ser já um espaço de respostas diferenciadas para que

a inclusão aconteça.

Por isso, aprecia este conto e... constrói a tua história...

**Diretor Regional de Educação**

*Marco Gomes*

## Um acampamento de sonho...

### Conto para sensibilizar



Ficheiro otimizado para  
Adobe Reader 9.1 ou superior.

“Os alunos realizarão um acampamento de uma noite no Parque da Laurissilva da Madeira. Será a atividade de fim de primeiro período antes das férias do Natal. Deverão levar lanches, água, boné e calçado adequado. As refeições serão organizadas pelos professores. O ponto de encontro é na escola, às 7h45; o autoacarro sai às 8h00. O regresso será às 18h do dia seguinte”.

Foi esta mensagem que a professora enviou para casa na caderneta dos alunos, a informar os pais de que a turma iria realizar uma visita de estudo. O entusiasmo já era geral há uns dias.

Rodrigo teve de insistir um pouco com os pais para que estes o deixassem ir, ao ponto de fazer uma birra. Já não tinha idade para isso; aliás, um rapaz com sete anos já devia ter um comportamento mais adulto. Era, pelo menos, o que os pais lhe diziam quando ele fazia fitas.

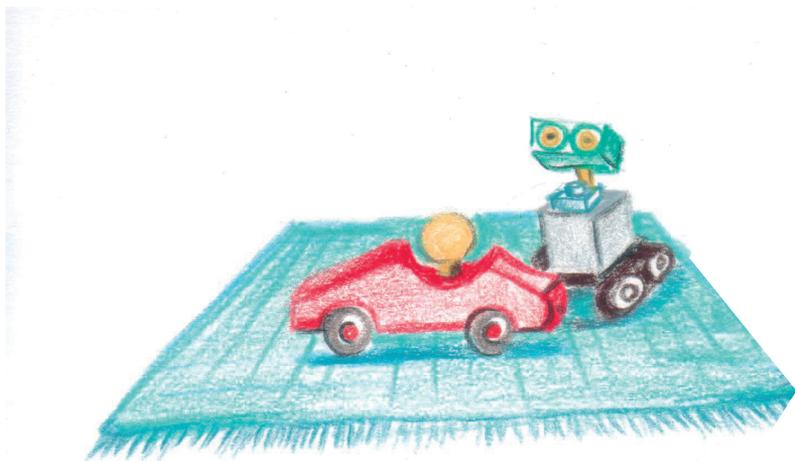
- Mas, mãe, todos os meus amigos vão!

- Os teus amigos têm algumas facilidades que tu não tens.

- A professora disse que eu poderia ir sem qualquer problema. Haverá sempre alguém para me auxiliar e acompanhar. A carrinha está preparada para casos como o meu.

- Mas o terreno pode ser irregular, podes magoar-te, tenho receio de que...

- Já sou crescido. Não vai acontecer nada de mal. Tenho o telemóvel comigo. Se acontecer alguma coisa, posso telefonar. Além do mais, os meus amigos estarão sempre comigo, assim como os professores.



A preocupação era genuína. Rodrigo nascera sem as duas pernas. Os pais souberam desde cedo, através das ecografias, que o filho seria uma criança diferente, mas mesmo assim decidiram levar a gravidez até ao fim. Não poderiam nunca pôr termo a uma vida que tinham sido eles a criar.

Ao longo dos primeiros anos de vida, tentaram protegê-lo de um mundo agressivo para uma criança tão frágil, mas desde cedo Rodrigo mostrou que, apesar das suas dificuldades, não lhe faltava força de vontade. Os pais sempre tentaram incentivá-lo a fazer tudo o que os outros meninos faziam, dentro do que lhe fosse possível.





Por isso, no dia previsto, cadeira de rodas preparada, chegaram à escola à hora combinada. Às 8h00, o autocarro partia, rumo ao coração da floresta Laurissilva.

- Meninos, – disse a professora – nada de fazer lixo. Tudo o que levarem convosco volta para casa. Temos de deixar o espaço bem preservado. Vamos ao coração da floresta Laurissilva, é uma grande responsabilidade. Também ficam responsáveis para ir vendo se o Rodrigo precisa de ajuda e se está confortável.

Rodrigo corava sempre que era referido daquela maneira; mas, no fundo, sabia que era necessário. Mariana, Tiago e Joana eram os seus melhores amigos e estavam sempre com ele nos intervalos. Mas nem todos reagem da mesma maneira. Leonardo e Rafael, os rufias da turma, tinham sempre um comentário desdenhoso ou um olhar sentencioso para com o colega.



Chegaram ao seu destino, finalmente. Saíram do autocarro. Tanto verde à sua volta. Com a ajuda dos professores, dividiram tarefas: uns montavam as tendas para dormirem; outros preparavam a tenda dos mantimentos e o material para fazer as refeições. Depois de tudo orientado, os professores pediram aos alunos que verificassem se o seu espaço estava bem arrumado. Rodrigo ia partilhar a tenda com os seus melhores amigos.

Quando chegou à hora combinada para se reunirem na clareira, todos saíram das respectivas tendas. Qual não foi a surpresa dos alunos quando não viram nenhum professor nem nenhum dos acompanhantes adultos. Para além dos professores desaparecidos, também não sabiam do Leonardo e do Rafael.

Foi nesse momento que ouviram aquele ruído ensurdecedor. Ninguém percebia o que estava a acontecer... O céu escureceu de uma forma estranha. Mais um enorme clarão e um estrondo horrível. Ouvia-se o som da madeira a quebrar, o vento assobiava nas árvores, que abanavam quase até partir. Aquela floresta rica, densa e húmida mostrava por que já ali estava há milénios. Alguns alunos corriam sem direção, assustados e a chamar pelos professores, quando caiu mais um relâmpago e começou a chover torrencialmente. Outros procuravam abrigo debaixo das árvores. No meio desta confusão, o Rodrigo era o único que mantinha a calma. Pegou no telemóvel, mas era inútil... não apanhava sinal. O Tiago aproximou-se, empurrava a cadeira de rodas, que tinha ficado presa na lama no centro da clareira, e dirigia-se para debaixo de um til.



– Não vás para aí, Tiago! Os relâmpagos podem atingir-nos! É mais seguro ficarmos aqui, longe das árvores, em espaço aberto. Avisa os outros!  
– disse o Rodrigo.

– Pessoal, é melhor saírem daí!! Vamos para as tendas! – gritou o Tiago.

– Tantos trovões!! – exclamou a Joana. –  
As tendas têm barras de ferro! Temos de encontrar abrigo noutra lugar! Estamos a ficar encharcados!!



Do nada, aparecem dois vultos, a gritar e a esbracejar.

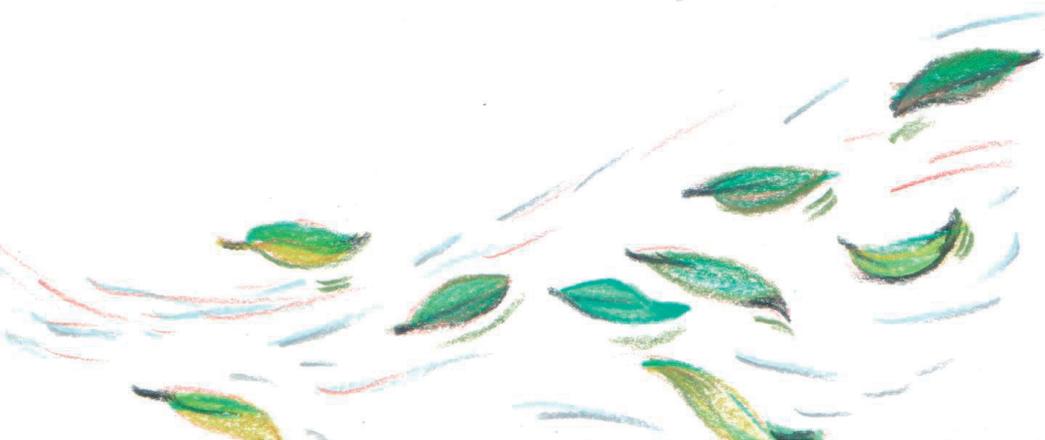
– Serão os professores? – perguntou a Mariana.

Mas dos professores, nem rasto. Eram os dois desaparecidos, o Leonardo e o Rafael.

– Venham! Há uma gruta logo ali, no final deste trilho. – gritaram em conjunto.

Poças de água, pedras e raízes faziam do trilho um piso impossível para a cadeira de rodas e, por momentos, o Rodrigo deu razão às preocupações da sua mãe.

Mas também sabia que tinha de sair dali de qualquer maneira, não podia continuar debaixo daquele dilúvio. Precisavam de um lugar seguro – a gruta. E ali estava ele a atrapalhar. Ele, que nunca tinha sido um empecilho, que desde a sua tenra idade sempre fora muito autónomo e “senhor do seu nariz”, como lhe dizia a mãe, quando num acesso de ternura maternal corria para ajudá-lo em situações completamente desnecessárias na sua perspetiva. Porém ali... ali ou pedia ajuda ou resignava-se à sua incapacidade. Estes pensamentos corriam na sua mente como as rajadas violentas do vento chuvoso que nesse instante brindava a folhagem das majestosas árvores endémicas da Laurissilva.



Foi então que muito calmamente disse ao Tiago, que tentava sem sucesso mover a cadeira de rodas:

– Tiago, para! É impossível deslocar a cadeira de rodas. O melhor é vocês irem. Eu fico, não vos quero atrapalhar.

– Nem penses nisso, Rodrigo! Nós levamos-te! – gritou a Mariana, incrédula com tal proposta.

Como poderia o seu melhor amigo dizer uma coisa daquelas? Quando despertou deste pensamento, já Mariana ordenava:

– Tiago, seguras o Rodrigo de um lado e eu do outro. Temos de o levar com cuidado. E, olhando ternamente para Rodrigo, que, comovido, se encontrava em silêncio, disse:





– Rodrigo, abraça-nos com toda a força que tiveres, vamos todos sair daqui!

Seguiram os colegas pelo trilho rodeado pelos gigantescos e majestosos tis. Surpreendentemente, Rafael e Leonardo ofereceram-se para substituir Mariana e Tiago que, cansados e sem forças, aceitaram esta ajuda.

Por fim, chegaram à gigantesca gruta.



Entraram com receio, estavam encharcados. A gruta era inóspita e sombria. Estavam abrigados da chuva, mas sentiam-se desprotegidos e procuravam algo que os iluminasse para se orientarem no meio daquela imensa escuridão que lhes toldava todo e qualquer raciocínio.

Então, a voz trémula de Leonardo, dominada pelo temor que tinha do escuro, fez-se ouvir:

- Alguém tem uma lanterna?

Nesse momento, Rodrigo lembrou-se do telemóvel, tirou-o do bolso e iluminou a gruta. O medo estava espelhado no rosto de cada um.



Acalmem-se, já temos luz. Vamos pensar numa forma de sairmos daqui, logo que a chuva abrande. – sugeriu Rodrigo que, desde muito cedo, se habituara a enfrentar dificuldades sem se resignar.

- E para onde vamos, Rodrigo? Não sabemos onde estão os professores nem o que lhes terá acontecido!

- Provavelmente andam à nossa procura, Joana! Não te esqueças que abandonámos o acampamento. – advertiu Tiago.

Subitamente, ouve-se um fortíssimo estrondo, eram pedras que caíam como granadas, bloqueando a entrada da gruta. Rápida e instintivamente, Mariana grita:

- Corram! Tiago, ajuda-me a levar o Rodrigo mais para o fundo da gruta.



- Vamos sair daqui rapidamente! Agarra-te ao meu pescoço e ao da Mariana com toda a força que tiveres, Rodrigo.

Inesperadamente, tudo ficou na mais completa escuridão. O telemóvel de Rodrigo, a meio da confusão, caiu ao chão e avariou. Azar a mais, pensou. Lá fora, o forte ruído da chuva mistura-se com o ribombar dos trovões.

- E agora... o que fazemos?

Nesse momento, uma luz iluminou as paredes da gruta e ouviu-se um suspiro de alívio. Alguém tinha acendido uma tocha. Quando se refizeram do susto, aperceberam-se de que não tinha sido nenhum deles a acender a tocha, mas sim um velhote de barbas brancas que lhes sorria com um ar de satisfação. Fez-se silêncio. Rodrigo, corajoso, perguntou:

- Quem é o senhor?

- Eu? Sou o João Barbas do Monte! – respondeu o homem com um ar tranquilo.

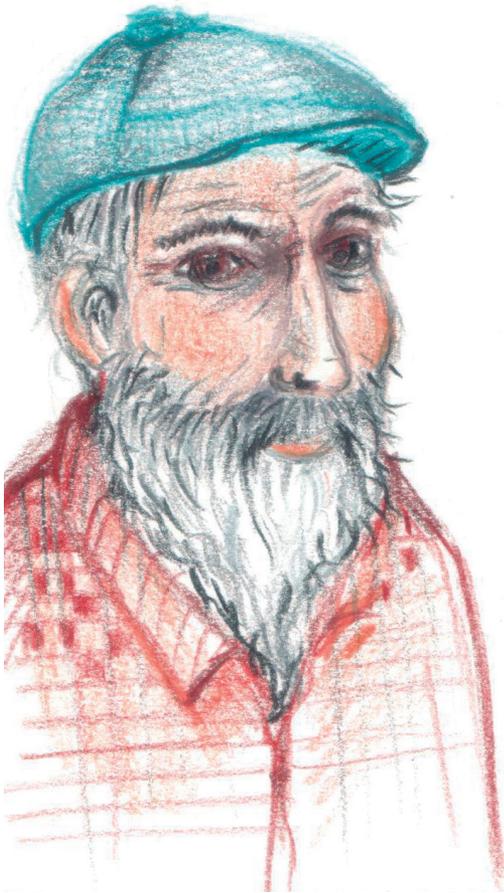
Rodrigo, intrigado com a presença do homem, continuou com as perguntas.

- Vive aqui? Parece-me demasiado calmo, apesar da tempestade que se abateu sobre nós e da derrocada que nos impede de sair da gruta.



Então o homem respondeu:

- Vocês estão assustados porque não conhecem a montanha, nem esta gruta. Esta gruta é a minha casa há muito tempo, por isso estou calmo, porque a conheço bem e sei de outras entradas e saídas para a mesma.



- Esse é mesmo o seu nome? - perguntou Joana, desconfiada.

- Sim, chamo-me João; Barbas do Monte ganhei pelo facto de viver nesta gruta, neste monte, há muitos anos. – respondeu com um ar mais sério e, para que mudassem de assunto, perguntou:

- O que é que estão a fazer sozinhos aqui no monte com este tempo? Os vossos pais sabem que estão aqui?

- Os nossos pais sabem que estamos aqui, não sabem é o tempo que está!!! - retorquiu o Rafael.

Joana, que continuava intrigada por um velhote viver numa gruta no monte, e não se contendo mais, perguntou:

- Então o senhor vive aqui sozinho há tantos anos?

- Sozinho? Nem pensar, não vivo sozinho. Vivo com a minha amiga natureza e com os seus animais. São os meus verdadeiros companheiros.

Rodrigo estranhou e perguntou:

- Mas com tanta diversidade de animais, alguns até perigosos, como é que convive com todos harmoniosamente?

- Aqui não há animais perigosos. – disse o velhote. - O mais perigoso de todos é o Homem. Seja como for, eu respeito todos independentemente das características que os definem. E eles respeitam-me e aceitam-me no seu habitat que acaba por ser de todos nós. Por exemplo, se algum pássaro tem uma asa ferida ou partida eu uso seiva de plantas e faço pequenas talas, para os ajudar a recuperar.

- Uau! Nunca pensei que alguém pudesse viver nestas condições! – exclamou a Joana.





De súbito, a voz de Leonardo ecoou, desafiante, pela gruta:

- Isso é tudo muito bonito, ó velhote, mas o que eu quero é sair daqui. A tempestade já deve ter acalmado.

- Não sejas rude, Leonardo! – repreendeu-o a Mariana.

- Bem. Agora há só duas saídas, pois uma foi tapada pela derrocada. – disse o Barbas do Monte, acalmando os ânimos dos jovens. - Há uma que é mais curta; porém o chão está cheio de pedras e molhado devido à água que corre da nascente. O teto é baixo em alguns locais, não será muito fácil.

- De que estamos à espera!?! Vamos! – disse Leonardo.

- Estás a esquecer-te de alguém, Leonardo! – afirmou com firmeza o Rafael - Então vamos deixar o Rodrigo para trás? Ele é nosso amigo! Ou vamos todos ou não vai ninguém.

Comovido com a atitude do jovem, o velho Barbas percebeu que aqueles jovens eram especiais e que se respeitavam nas suas diferenças. Um ligeiro sorriso iluminou-lhe o rosto, acentuando as linhas da idade.



- Temos outra saída; é muito longa, mas é mais larga e será mais fácil para transportar o vosso amigo.

- Vamos lá, então! – gritaram em coro as crianças, ansiosas por sair dali e contentes por poder ajudar Rodrigo naquela aventura.

Lá fora, de facto, parecia que o mau tempo tinha aplacado. Agora, ouviam-se apenas as vozes destes jovens que estavam preparados para vivenciar uma grande aventura com o seu amigo Rodrigo. Apesar de todos os percalços, a solução encontrada pelo Barbas do Monte tornou-se uma espécie de afago que alumiaava toda a ansiedade destes jovens. De vez em quando, ainda se ouvia a queda de mais algumas pedras, que continuavam a cair como se tivessem vida.

- Sigam-me por aqui! - disse o João Barbas do Monte.



O Leonardo e o Rafael pegaram no Rodrigo, um de cada lado, e juntamente com o Tiago e a Mariana seguiram o velhote. O trilho sugerido encontrava-se muito escuro, sendo apenas iluminado pelas chamas tremeluzentes da tocha do ancião. Sentia-se, ainda, um odor inebriante a mofo e o piso parecia um lençol macio, dada a água que pingava timidamente das estalactites numa melodia compassada.



- Não tenham medo! – exclamou o velho. – Vivo aqui há muitos anos e conheço todos os segredos desta gruta. Estamos a entrar na sua intimidade! – acrescentou.

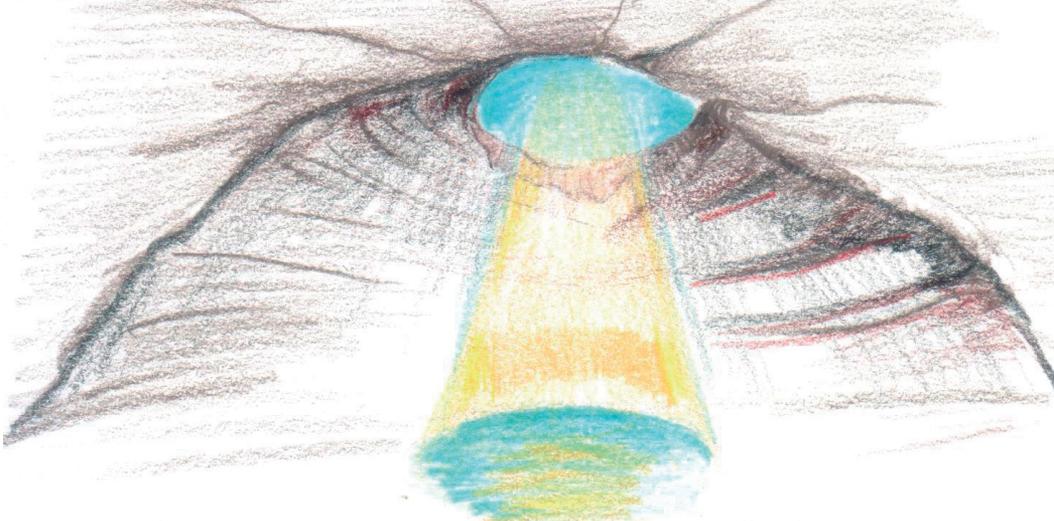
Apesar destas palavras, os jovens ouviam o trissar dos morcegos, um som distante, mas perturbador. Eles tremiam que nem “varas verdes”, mas estavam determinados a encontrar a saída. Depois de terem percorrido uma longa distância, os amigos, extenuados, precisavam de recuperar as forças.

- Senhor Barbas do Monte, precisamos de descansar! – suplicaram.

Nesse momento, vislumbraram uns pequenos pontos vermelhos que se moviam lentamente sobre as suas cabeças...

- Era o que nos faltava... Morcegos???

– disse uma voz em tom rebelde.



- Não se preocupem. – sossegou o velhote. –  
Vão iluminar-nos o percurso. Ao contrário do que  
pensam, não são criaturas assustadoras, nem  
fazem mal a ninguém.

Rodrigo anunciou, entusiasmado:

- Vejam! Ali. Alguma claridade. Já estamos perto  
da saída.

Rodrigo suspirou de alívio e lá foi sossegando os  
seus colegas mais medrosos. Mas... seria mesmo  
a saída ou algo mágico estaria a acontecer?

Esperançosos, percorreram o trilho interior da  
gruta até à claridade. À primeira vista, parecia  
que não passava de uma mera ilusão de ótica.  
E pior, aquela suposta saída também estava  
bloqueada.

- Uma poça de água? E então a claridade que  
vimos? – disse o Rodrigo, perplexo.

- Veem este buraco? – apontando para o teto da gruta – A chuva fez com que esta poça se formasse. Com os relâmpagos a luz refletiu-se na água e formou o brilho que há momentos vimos – explicou o Barbas do Monte.

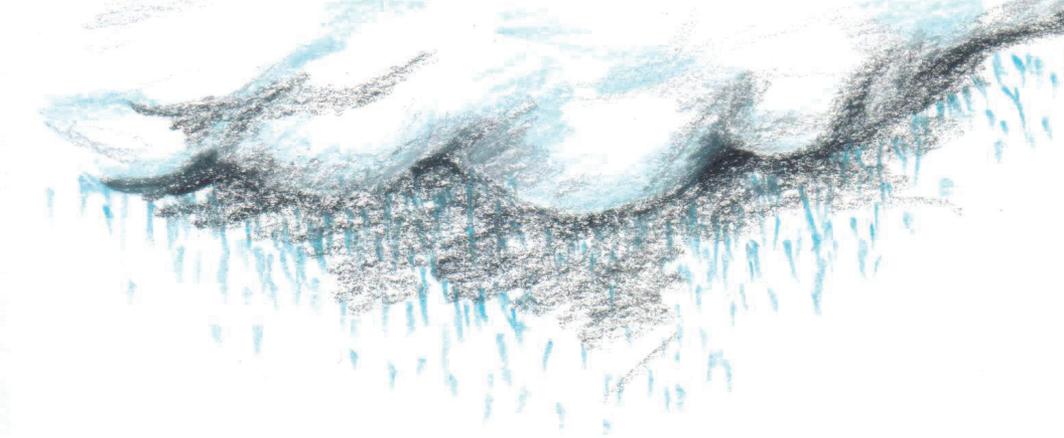
Apreensivos, discutiram entre si até que chegaram a um consenso.

- Então fazemos assim: seguimos o caminho mais curto e o Rafael e o Leonardo vão ajudando o Rodrigo nas partes mais difíceis – disse a Mariana, convicta.

Antes que estes pudessem protestar e começar os comentários desdenhosos em relação ao colega “Rodinhas”, como lhe chamavam para chateá-lo e tentar embaraçá-lo frente aos outros, Mariana fez cara de má e disse, com firmeza na voz:

- Sem discussão. Já!

Os colegas calaram-se. Os olhos de Rodrigo brilharam e trocou um olhar cúmplice com Mariana; Rafael e Leonardo, resignados, lá aceitaram a sua tarefa.



Como combinado, dirigiram-se em fila pelo trilho mais curto. No decorrer da caminhada sinuosa e estreita foram-se apercebendo de que afinal não era assim tão simples como tinham idealizado.

- É impossível, eu não caibo aqui dentro! Como é que vou passar? – interrogou o Rodrigo, desanimado.

- Talvez seja melhor descansarmos um pouco e pensarmos numa melhor alternativa – sugeriu o ancião.

Todos se sentaram. O silêncio dominava aquela gruta. À medida que o tempo passava, sentiam-se cada vez mais esfomeados, enregelados e impacientes. A Joana começara a chorar. O Rodrigo, sentindo-se culpado, tentou reconfortar a colega.

- Vai ficar tudo bem, arranjarémos uma maneira de sair daqui.

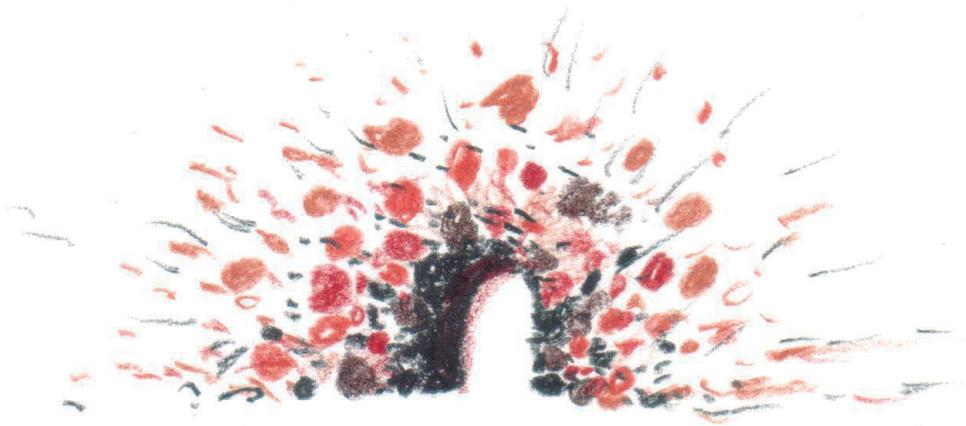
- O que podemos fazer? Não podemos ficar aqui para sempre! – disse a Joana aos soluços, ao mesmo tempo desanimada e confiante.

Naquele momento, surgiu novamente um brilho bem perto deles. Desta vez, parecia que sentiam um calor reconfortante. O velho ancião levantou-se, sorriu e disse-lhes:

- Não tenham medo. Venham. Tenho uma surpresa para vocês, mas preciso da ajuda de todos. A união faz a força. Podem ajudar-me?

- Comecem a escavar. – sugeriu Rodrigo.





Mesmo sem conseguir fazer grande trabalho sozinho, foi o primeiro a avançar. Meteu as mãos ao trabalho e começou a tentar abrir caminho por aquela passagem tão apertada. A turma toda seguiu. O trabalho de grupo estava a fazer efeito e o brilho tornava-se mais intenso.

De repente, um clarão enorme rompeu pela gruta, cegando momentaneamente o grupo. Quando os seus olhos se habituaram, não queriam acreditar no que viam. Era tanta a beleza. Um "AH!" geral ouviu-se pela gruta diante do mundo mágico que se abria à sua frente.

E fez-se silêncio...



O arco-íris e as cascatas deslumbrantes, de água cristalina e pura, funcionavam como um bálsamo... No seu íntimo, sentiam uma esperança de estarem no caminho certo!

- E os jardins?! Vejam os fetos, tão altos e verdes... Os azevinhos, o pau branco... o til... tudo o que a professora Eugénia referiu nas aulas de Ciências...

- Escutem! – interrompeu o Tiago, sensibilizado – São bisbis... parece uma sinfonia!



O perfume doce e agradável das flores multicolores pairava no ar! Flores com pétalas macias como veludo.

E todos se deixavam deslumbrar, como se estivessem noutra dimensão.

- Não devemos estar assim tão longe do acampamento! – pensou, em voz alta, o Rodrigo.

- Olhem! Pegadas! – disse Joana, entusiasmada por ter encontrado uma pista que poderia levá-los para fora da gruta.

- Podemos segui-las. Vamos ver aonde nos levam! – sugeriu o velho, agora tão entusiasmado quanto os seus novos amigos.



Enquanto seguiam cuidadosamente as pegadas, foram saciando a fome com os frutos silvestres que foram colhendo pelo caminho: amoras, morangos e mirtilos... O Rodrigo continuava a contar com o apoio de todos os seus amigos, que o ajudavam na recolha dos frutos.

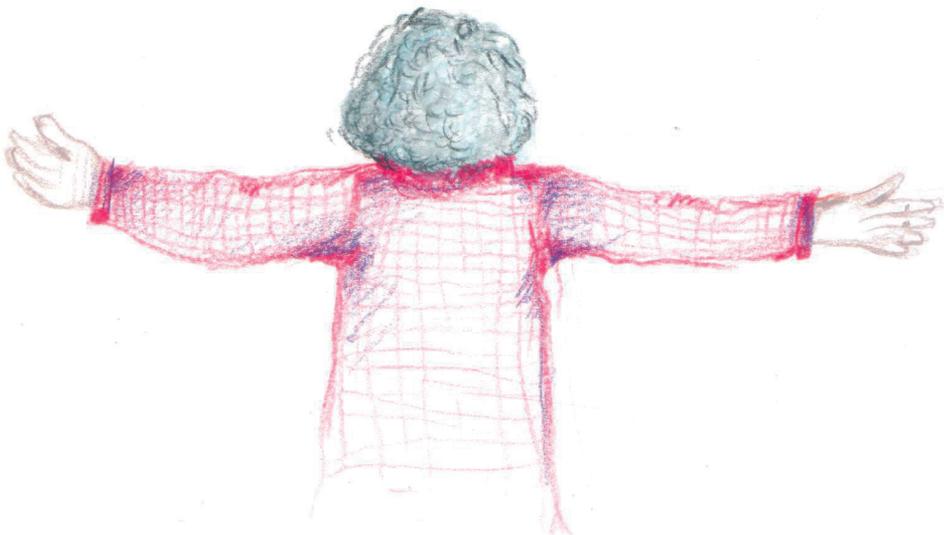
Eis que um túnel surge como por magia, diante dos seus olhos. Seria este a solução dos problemas?!

Então, guiados pelo Sr. Barbas do Monte, iniciaram a sua caminhada. Sem perceberem como, o túnel iluminava-se: eram os seus amigos pirilampos que se juntavam à aventura inimaginável que estavam a viver.

O percurso decorria sem sobressaltos, queriam agora reencontrar os professores e voltar ao acampamento. Não sabiam que a aventura não se ficaria por ali.

Ao percorrer o túnel, ninguém se apercebeu que este possuía características muito especiais: à medida que avançavam no espaço, avançavam também no tempo!!!

Quando finalmente chegaram ao fim da passagem, foram recebidos pela professora responsável pelo acampamento, a professora Adelaide. Como estava mudada! Parecia ter envelhecido repentinamente. Mal sabiam os jovens aventureiros que tinham avançado no tempo, o que significava que também eles estavam mais velhos.



- Professora! Como veio até aqui ter? Onde estão os outros professores? – indagou a Mariana.

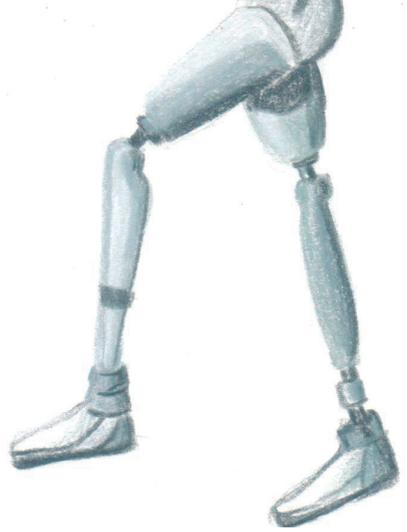
- Pois, não compreendo como é que a professora parece mais... velha, quero dizer... idosa, desculpe! – disse o Rodrigo, atrapalhado.

- Vocês.... Vocês são os nossos alunos? Rodrigo? Tiago? Mariana? Quando vos vi pela última vez eram apenas uns miúdos! A professora parecia estar verdadeiramente fascinada pelo facto de a turma se encontrar ali, à sua frente.

- Os nossos alunos encontram-se desaparecidos há vinte anos! Eu e os meus colegas, agora reformados, dedicámos muito tempo à vossa procura!

- Como é isso possível? Nós entrámos na gruta há tão pouco tempo! – questionava o Leonardo, sem perceber o que estava realmente a acontecer.

Olharam uns para os outros e só naquele momento se aperceberam que já eram adultos.



O Rodrigo foi quem ficou mais assustado com o que viu e sentiu. Estava muito diferente. No seu corpo existiam agora pernas, mas não de “carne e osso”, não. Reparou que era agora capaz de se dirigir à professora sem a ajuda da cadeira ou dos colegas. Os seus membros inferiores assemelhavam-se a um robot. Tinha umas pernas biónicas! Que espetáculo!!!

- Devemos ter entrado noutra dimensão!  
- sugeriu a Joana. Isto não pode estar a acontecer!

- Mas é verdade, Rodrigo! Tu, agora, tens pernas biónicas! – exclamou a Mariana, admiradíssima.

- Meu Deus, adoro-as! Como será possível termos envelhecido, tendo em conta que ainda há pouco estávamos jovens?! - acrescentou o Rodrigo.

- Sim, talvez este túnel em que estivemos não passe de uma gruta mágica. Eu bem que suspeitava de alguma coisa, só não sabia que esta nos levava até ao futuro. – ponderou a Mariana.

- Nós não podemos ficar aqui! - exclamou a Joana. - Temos que voltar ao passado, para revermos os nossos professores, colegas e pais. A nossa vida ficou lá atrás e os nossos pais passaram anos a pensar que estávamos irremediavelmente desaparecidos.

Face à recomendação, a professora Adelaide propôs, já que estavam todos juntos, que voltassem para trás, de modo a encontrarem uma saída e regressarem ao acampamento.

- Bem, nós todos encontraremos uma maneira de voltarmos para o local de onde partimos. – reconfortou a Mariana.

- Pois é, Mariana, temos de ter esperança para que consigamos sair desta gruta. – acrescentou o Rafael em jeito de consolo.

Rodrigo, de lágrimas nos olhos, ainda pensou em sugerir que ficassem ali. Sentia-se forte, alto, bonito, cheio de vida, podia andar sozinho, não

era mais um empecilho para ninguém... Mas a lembrança dos pais e familiares, a ideia da preocupação de todos os que tinham ficado foi mais forte. Pensou para si: “Um dia... um dia...”

Por fim, iniciaram a caminhada de regresso, desta vez mais confiantes e sem sentirem o medo que tinham experimentado antes. Confiavam naquele velho de barbas brancas que se sentia orgulhoso da decisão dos jovens em voltar para trás e não se deixarem embalar pelo encanto do futuro.

- Este parece-me um bom lugar onde passar a noite. – disse o Rodrigo. – Amanhã, seguiremos caminho para voltar ao acampamento e, finalmente, para casa.



Depois da longa e agitada noite, Rodrigo foi o despertador do grupo. Acordara com uma enorme vontade de se fazer à estrada.



- Bom dia! - exclamou o Rodrigo. - Preparem-se que o novo dia já nasceu.

- Bom dia! – retorquiu o Tiago - hoje tive um sonho que vos vai deixar boquiabertos. Sonhei que fomos ao futuro.

- Só podes estar a gozar?! nós fomos mesmo ao futuro - disse o Leonardo com ar arrogante.

- Calma, tenhamos calma que o dia acabou de começar - advertiu o velhote.

- Foi tão bom que até parecia um sonho - comentou o Tiago.

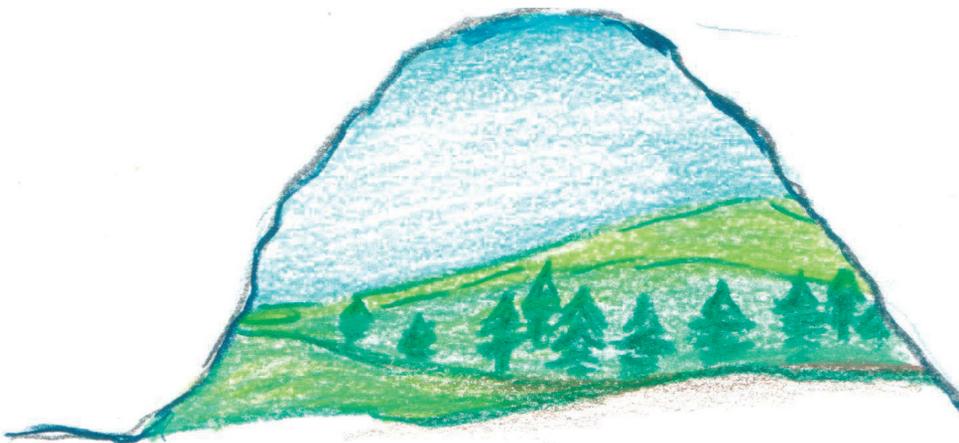
- A quem o dizes! - concordou o Rodrigo - poder andar sozinho, sem depender de nada ou de ninguém é realmente um sonho para mim!

Leonardo e Rafael entreolharam-se e envergonhados pediram desculpa ao Rodrigo por gozarem dele.

- Muito bem! - exclamava a Mariana. De repente, ouviram-se ruídos à entrada da gruta.

- Rodrigo, Mariana, Leonardo... (Eram os professores à procura dos seus alunos).

- Estava a ver que não saíamos a tempo do natal! – suspirou o Leonardo.



Ao saírem da gruta, todos contentes e aliviados, repararam que o senhor Barbas do Monte tinha ficado lá dentro com um rosto tristonho.

- Por que não vem passar o natal connosco? – perguntou o Rodrigo.

- Não se preocupem comigo, rapazes, eu cá me arranjo – disse Barbas do Monte, triste, mas com uma leve esperança no coração.



Os rapazes insistiram e lá o convenceram.

O velhote ficou tão comovido que quis recompensar Rodrigo, preparando-lhe uma surpresa.



João Barbas do Monte era, afinal, um professor universitário, reformado, da área da biotecnologia. Estabeleceu contacto com os seus antigos colegas e deu-lhes a conhecer o caso de Rodrigo. Entre todos trabalharam numas pernas biónicas que vieram mesmo a tempo do natal.

O natal chegou e João Barbas ofereceu-as a Rodrigo.

Rodrigo, emocionado, abraçou-o e exclamou:

- Este é o natal mais feliz da minha vida!

**FIM**





# Inclusão

Semana Regional da Pessoa  
com Necessidades Especiais



Ficheiro otimizado para Adobe Reader 9.1 ou superior.

O conto ***Um acampamento de sonho...*** surgiu no âmbito da Semana Regional da Pessoa com Necessidades Especiais (SRPNE) 2017, que decorreu entre 4 e 9 de dezembro, sob o lema ***Diferença + Equidade = Inclusão.***

A SRPNE tem como principal propósito contribuir para o reforço dos níveis de inclusão social, da participação e da igualdade de oportunidades, bem como para a promoção do debate e da consciencialização para a temática das necessidades especiais.

A dinamização de atividades conjuntas requer um envolvimento concertado de todos os intervenientes, que se traduzem em bases de motivação importantes para o esforço e dedicação inerentes à construção de uma sociedade verdadeiramente inclusiva.

A Secretaria Regional de Educação, através da Direção Regional de Educação, agradece a inestimável colaboração dos alunos, docentes e Presidentes dos Conselhos Executivos das escolas envolvidas na elaboração deste conto.

Bem hajam!